



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

Brinde ao Presidente Harry S. Truman,
dos Estados Unidos da América, proferido
no banquete que lhe foi oferecido, no Pa-
lácio Itamarati, quando de sua visita ao
Brasil.

— 5 de setembro —

PARA saudar Vossa Excelência, Senhor Presidente, em nome do Povo e do Governo do Brasil, sinto que devo recorrer a palavras simples, devidas aos amigos, em nossa casa e à nossa mesa.

O momento que vivemos, neste Hemisfério, é dos que propiciam as manifestações de amizade. Trouxe a confirmação do que pressagiara Joaquim Nabuco, quando encerrou, nesta mesma Cidade, a Terceira Conferência Interamericana : “É preciso dar tempo para crescer a árvore que tem que viver séculos; não se deve esperar que ela dê sombra antes de criar raízes. Por ora ela ainda depende de cada um; e tempo virá em que todos dependerão dela”. Robustas são as raízes lançadas, nos quarenta anos que se seguiram, pelo sentimento e pela realidade da solidariedade americana. Ela nos abrigou em duas grandes guerras e, agora mesmo, levamos à seiva que a nutre o refôrço dos compromissos livre e conscientemente assumidos.

O Brasil, Senhor Presidente, no concurso trazido a essa grande obra, nada mais tem feito do que se manter fiel ao gênio precursor dos estadistas que iniciaram a modelação do seu pensamento político. A nossa atitude, em 1942, está implícita no mandamento inscrito pelo santista Alexandre de Gusmão no Tratado de 1750, de que, na América Meridional, “não se permitirá o cômodo de seus portos, e menos o

trânsito pelos seus territórios”, aos que dêles intentem utilizar-se para hostilizar a nações americanas. Sôbre as responsabilidades recíprocas do pan-americanismo, os arquivos do Departamento de Estado guardam, há cento e vinte e dois anos, o testemunho do pensamento brasileiro. Não podendo deixar de acarretar sacrifícios de vidas e bens, a prática, pelos Estados Unidos, da política anunciada pelo Presidente Monroe, em Mensagem ao Congresso da União — dizíamos àquele tempo, por intermédio do nosso primeiro Encarregado de Negócios — não será “conforme à Razão, Justiça e Direito que o Govêrno do Brasil receba gratuitamente tais sacrifícios”. Assim compreendemos, desde o início, as obrigações do “sistema americano” preconizado por José Bonifácio.

Se êsse sistema, sujeito à prova suprema da maior de tôdas as guerras, revelou a pujança das coisas vingadas, devemos-lo à obra previdente de um grande americano. Franklin Delano Roosevelt contribuiu, para a edificação da solidariedade continental, sobretudo com o imponderável da confiança. Guia do seu Povo, em uma época de crise, o conflito das armas nêle revelou o condutor extraordinário da política de guerra. Ainda maior, no entanto, é o tributo da Humanidade a quem foi o seu líder no conflito das idéias. Nem as dificuldades internamente enfrentadas, no início da sua administração, nem a comoção que abalou as relações internacionais, fizeram-no descreer, por um momento sequer, dos valores fundamentais que associamos à liberdade e à dignidade da pessoa humana. Quando pareceu que a chama da nossa civilização ia se extinguir; sob os golpes vibrados pelo totalitarismo, a sua fé e a sua coragem aqueceram a esperança em todos os corações.

Essa a herança, essa a responsabilidade, de que Vossa Excelência já participava e que agora se acham confiadas à sua guarda. Não as recebeu Vossa Excelência apenas do homem que as encarnou magnificamente, em um momento da História; procedem também do gênio peculiar do Povo dos Estados Unidos e da civilização por êle elaborada. Os traços essenciais desta residem, precisamente, na progressiva extensão dos seus benefícios morais e materiais ao maior número, e na colocação dos recursos, concedidos pela natureza e valorizados pelo homem, a serviço do bem-estar geral. É esse elemento dinâmico que faz da democracia americana uma experiência sempre renovada, almejando a constante ampliação das oportunidades que, de maneira igual, assegurem aos indivíduos a busca da felicidade. A fidelidade sucessivamente demonstrada pelos americanos aos ideais de sua formação constitui a base da sua influência moral no mundo e representa, neste momento incerto, uma esperança para a espécie humana, que quer e necessita de uma paz justa e fecunda para restabelecer-se de feridas ainda abertas.

Não é por acaso, Senhor Presidente, que, em tôdas as encruzilhadas do seu destino, estiveram à frente dos Estados Unidos cidadãos cujos nomes e cuja obra se incluem no patrimônio comum de todos os homens. Mestre, pela vocação e pela experiência, da arte do govêrno próprio, o seu Povo presente a aproximação das tormentas e sabe exprimir a sua vontade através dos agentes da sua escolha. Também não é acaso que procure, para fazê-lo, a homens como Vossa Excelência, cujo caráter e cuja carreira, tipicamente americanos, refletem as virtudes essenciais que a família preserva e a escola transmite. E é por assim ser, Senhor Presidente,

que os povos do mundo já o fizeram depositário da sua confiança, na certeza de que o imenso poderio do seu País significa justiça para os vencidos, socorro para os que precisam e amparo para os fracos.

Brindo a Vossa Excelência, Senhor Presidente, à sua felicidade pessoal e de sua Digníssima Espôsa e gentil filha, que nos dão a honra e a grande satisfação da sua presença, e brindo, na sua pessoa, à grande Nação Americana, aliada de ontem e amiga de sempre.